

O que teria acontecido com Bette Davis?

Fábio d'Abadia de Sousa

Uma das vaidades humanas mais intrigantes é a de desejar não ser esquecido após a morte. E não é que as novas tecnologias da informação têm tornado um pouco mais real esta aspiração! Indiferentes se estamos vivos ou não, nossas poses e trejeitos, ostentados nos nossos selfies e vídeos, permanecem nas redes sociais. Numa eventual situação de falecimento, por exemplo, caso um familiar do morto não solicite formalmente a retirada das imagens das redes, elas lá continuam, numa sobrevivência simbólica, através de suas imagens.

Acreditamos que essa “sobrevivência simbólica” começou desde que os franceses anunciaram, em 1839, a invenção da fotografia, chamada, então, de daguerreótipo, numa referência a Louis Jaques Mandé Daguerre (1787-1851), o francês que aperfeiçoou o processo de captação, pela luz, de cenas da realidade visível, iniciado por vários inventores ao redor do mundo, mas principalmente por Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833).

Parece que, com as redes sociais e a suposta “eternidade” das imagens, a morte não apaga mais totalmente aquilo que fomos. Pelo menos na rede é possível a nossa continuidade! E isso não é pouco, já que os contatos via plataformas digitais se intensificam cada vez mais e, em muitos casos, já substituem as relações reais. Caso tenhamos saudades de alguém falecido que amávamos (e/ou continuamos a amar), uma rápida visita ao seu perfil no Facebook ou no Instagram talvez amenize um pouco a dor da separação. Será?

De qualquer forma, as redes sociais - que têm modificado o comportamento humano em quase todos os ramos - parece que também têm influenciado a nossa forma de lidar com a morte. Percebe-se, por exemplo, que aumentamos o nosso culto aos mortos que um dia foram celebridades no cinema, televisão, música, artes plásticas, esportes, etc. Isso ocorre talvez em virtude da disponibilidade de acesso quase ilimitado a informações visuais dessas pessoas, antes restritas a pequenos grupos da mídia.

Nas redes sociais, são milhares de páginas e canais dedicados a exaltar, diariamente, com fotografias e vídeos, pessoas como Elvis Presley, Marilyn Monroe, Vivien Leigh, Fred Astaire, Elisabeth Taylor, John Lennon, Frank Sinatra, Ayrton Senna, Michel Jackson, Amy Winehouse, Frida Kahlo, etc. Esta última é detentora de perfis feitos por pessoas das mais variadas partes do mundo. Surpreendentemente, Frida

(1907-1954), que, em vida, dedicou-se mais às artes plásticas, é cultuada, principalmente por jovens, talvez pela sua personalidade forte e insubordinada e, é claro, pela sua original elegância na forma de se apresentar em público, com roupas e acessórios de moda feitos por ela mesma, até hoje considerados chiques e de extremo bom gosto. Considerada uma das pioneiras do feminismo, a artista mexicana também inspira a juventude por ter sido uma pessoa que não se deixou abalar pelos enormes percalços que enfrentou em vida depois de ter sido atropelada por um veículo pesado.

Uma das estrelas do cinema já falecida e com mais seguidores no Instagram parece que é a norte-americana Bette Davis (1908-1989). Considerada uma das melhores atrizes de todos os tempos, a artista é referência principalmente por sua atuação como mulher malvada e de olhos incrivelmente lindos e sedutores. Em muitas de suas entrevistas, cujos trechos são compartilhados diariamente nas redes sociais, Bette Davis fazia questão de ressaltar que o exemplo de beleza feminina invejável no cinema não era ela, mas Audrey Hepburn (1929-1993). Os milhares de criadores de perfis e de seguidores de Audrey Hepburn concordam absolutamente com Betty Davis. O culto a Audrey a coloca num patamar superior a qualquer estrela do cinema que já viveu, acima, inclusive, de Marilyn Monroe (1926-1962), outra campeã de acessos nas redes sociais.

Os adoradores dessas celebridades não as tratam como pessoas que já faleceram, mas como gente absolutamente viva. Mas será que não estão vivas mesmo? As redes sociais potencializaram para outras celebridades aquele mito que só Elvis Presley (1935-1977) parecia ter conquistado: o de que está vivo e recluso em algum lugar e que, a qualquer momento que achar conveniente, poder aparecer.

Será que esta situação paradoxal de aparente indiferença se uma celebridade está morta ou viva pode chegar também a nós, mortais comuns? Talvez sim! Quem um dia foi fotografado, e esta imagem está acessível a alguém, não morre completamente, pois sua lembrança continua em outras pessoas. De alguma forma, a fotografia nos trouxe um pouco de eternidade, quer os deuses gostem ou não! E as redes sociais potencializaram isso! Então, assim como Bette Davis, Frida Kahlo, Audrey Hepburn e Elvis Presley, parece que conquistamos o direito de não morrermos completamente.